

Oralidade em língua inglesa na escola pública: Contribuição de uma proposta pedagógica baseada em vídeos
Oral comprehension in English at public schools: Contribution of a pedagogical proposal based on videos

Suéllen Flauzina MARTINS*

RESUMO: A presente pesquisa teve como objetivo investigar o impacto de uma proposta pedagógica baseada em vídeos para o ensino e aprendizagem da oralidade em língua inglesa na escola pública. Para isso, baseamo-nos em pesquisadores como Oliveira Paiva (2001), Goli (2016), Talaván (2007) para discorrer sobre o uso de tecnologias digitais para as aulas de inglês, Kalantzis e Cope (2012), Monte-Mór (2015), dentre outros, para trabalhar a língua na percepção dos multiletramentos e como prática social. Dentre os dados analisados, o impacto mais expressivo do estudo foi a visão de língua como prática social trabalhada com os aprendizes durante a proposta pedagógica. Eles puderam não somente desenvolver a habilidade oral e demais habilidades da língua, mas desenvolver o pensamento crítico frente a questões sociais abordadas nas atividades, utilizando a língua inglesa como um meio para se expressarem. Sendo assim, mais que aprender uma língua estrangeira, os alunos desenvolveram a criticidade e a autonomia na aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Inglês, escola pública. Oralidade. Vídeos. Impacto social.

ABSTRACT: This research aimed at investigating the impact of a pedagogical proposal based on videos for the teaching and learning of speaking skills in English at public schools. For this, we based our work on researchers such as Oliveira Paiva (2001), Goli, (2016), Talaván (2007) to discuss the use of digital technologies for English classes; Kalantzis and Cope (2012), Monte-Mór (2014), among others, to work language in the perception of multiliteracies and as a social practice. Among the data analyzed, the most significant impact of the study was on the language view as a social practice worked with learners during the pedagogical proposal. They were able to develop not only oral and other language skills, but also critical thinking on social issues in activities using language as a way of expressing themselves. Thus, rather than learning a language, students developed critical thinking and autonomy of learning.

KEYWORDS: English. Public school. Oral skill. Videos. Social impact.

1 Introdução

Este artigo traz um recorte de uma dissertação defendida em 2019, mas que se revela bastante atual com os obstáculos enfrentados nos últimos anos, especialmente no que se refere ao uso de tecnologia e ensino-aprendizagem na escola pública. O discurso da ineficiência do ensino regular na escola pública é amplamente ecoado pela sociedade, relacionado a diversos

*Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Docente da área de língua inglesa na rede municipal de Uberlândia; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1330-3994>; e-mail: suellenflauzina@gmail.com.

impasses existentes como salas numerosas, falta de formação de professores, falta de infraestrutura da escola, escassez de materiais didáticos eficientes, entre outros (OLIVEIRA PAIVA, 2001; BARCELOS, 2006; ASSIS-PETERSON, 2007; COX, 2007; LEFFA, 2011). Essas adversidades são ainda mais presentes nas aulas de Língua Inglesa, visto que, o ensino de língua estrangeira, em geral, nas escolas regulares, não é reconhecido como um eficaz meio de aprendizagem. A grande procura dos aprendizes por cursos de línguas e as inúmeras escolas particulares espalhadas pelo Brasil corrobora a questão.

O descaso com o ensino público, que ocorre em muitos lugares do país, já foi relatado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira (PCNs LE), em 1998: “A primeira observação a ser feita é que o ensino de Língua Estrangeira não é visto como elemento importante na formação do aluno, como um direito que lhe deve ser assegurado. Ao contrário, frequentemente, essa disciplina não tem lugar privilegiado no currículo” (BRASIL, 1998, p. 24). Assim sendo, regularmente, os alunos, a comunidade escolar e equipe escolar também começam a enxergar a disciplina de forma marginalizada. Então, a aprendizagem efetiva da língua se torna uma tarefa difícil, mais, especificamente, a aprendizagem da compreensão e produção, em que o caso se agrava.

As escolas públicas, geralmente, não possuem materiais de acordo com a realidade dos alunos e com ênfase em trabalhar também a compreensão oral em inglês. Os exercícios e atividades em relação às habilidades orais são, em sua maioria, artificiais, com ênfase em diálogos descontextualizados e baseados na repetição. No entanto, a partir do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), os livros adotados nas escolas passam a apresentar uma visão abrangente da língua, o que, conseqüentemente, ajuda a amenizar a superficialidade e automatização das atividades em sala. Todavia, mesmo com o avanço e aprimoramento dos materiais didáticos, entendo que o professor também deve intervir na mudança desse quadro de precariedade, e a presente pesquisa dispunha este alvo. Portanto, o objetivo geral deste artigo foi apresentar a investigação, apresentada na pesquisa da dissertação, com o impacto da aplicação de uma proposta pedagógica baseada em vídeos no ensino e aprendizagem da oralidade em língua inglesa. E para isso, adotamos uma perspectiva de língua como prática social.

2.1 O uso de vídeos no ensino de línguas

O ensino de línguas perpetuamente se modifica devido a vários fatores, como o aprimoramento das tecnologias digitais e as diferentes realidades do processo de aprendizagem. Apesar de a contemporaneidade ter suas vantagens e desvantagens, nós como professores de línguas devemos constantemente investigar e adaptar o ensino de acordo com o contexto da sociedade. A partir de pesquisas na área sobre os recursos didáticos que são implementados ou retirados para tentar aprimorar o ensino e a aprendizagem, pude perceber quão presente está o uso de multimídias.

Diversos recursos são pesquisados e utilizados para beneficiar o ensino-aprendizagem de línguas. Dentre eles, estão os vídeos (trechos de séries e filmes, comerciais de TV, vídeos publicados em redes sociais como *Instagram*, *Facebook* e em plataformas como o *YouTube*), que podem ser trabalhados independentemente do nível de uma turma. Usualmente, esses vídeos são considerados como materiais autênticos, isto é, não foram produzidos com intuito pedagógico e sim apenas para entretenimento ou, simplesmente, interação nas mídias sociais. Mesmo não sendo recursos originalmente pedagógicos, acredito que podemos integrá-los no processo de ensino-aprendizagem de línguas de forma satisfatória, no sentido de contribuir para a motivação e para o desenvolvimento da criticidade dos aprendizes.

A respeito do uso de vídeos em aulas de inglês como língua estrangeira, Goli (2016) apresenta visões de professores de inglês em relação a diversos métodos, abordagens e sugestões quanto à utilização de vídeos. A autora afirma que

O uso de vídeos na sala de aula tem vários efeitos e impactos. Os professores que usam vídeos instrucionais relatam que seus alunos retêm mais informações relacionadas ao idioma. Alunos em suas turmas entendem o léxico, a gramática, as conversas e outros conceitos mais rapidamente e se tornam mais entusiasmados com o que estão aprendendo. Com os vídeos como um componente em um plano de aula ponderado, os alunos geralmente fazem novas conexões entre os tópicos do currículo e descobrem as ligações entre esses tópicos e o mundo fora da sala de aula. (GOLI, 2016, p. 40).¹

¹ “The use of videos in the classroom has several effects and impacts. Teachers who use instructional videos report that their students retain more language related information. Students in their class understand lexis, grammar items, conversations and other concepts more rapidly and are more enthusiastic about what they are learning. With videos as one component in a thoughtful lesson plan, students of ten make new connections between curriculum topics, and discover links between these topics and the world outside the classroom.” (GOLI, 2016, p. 40).

Além do fator da motivação, Goli (2016) apresenta inúmeras vantagens de utilizar vídeos nas aulas de inglês, tais como conseguir alcançar uma variedade de estilos de aprendizagem dos discentes, principalmente os aprendizes visuais, promover visões críticas e consciência sobre a mídia, gerar interesse e estimular a imaginação, ilustrar conceitos abstratos e complexos através de imagens e animações 3D. Outras vantagens do trabalho com vídeos, citadas pela autora, incluem: “oferecer uma perspectiva ou abordagem diferente para algum tópico, instigar o aluno a conhecer o mundo e pessoas, ouvir as ideias dos aprendizes” e, a partir disto, “elevar o auto-respeito e quebrar vários estereótipos sociais” (GOLI, 2016, p. 41).

Outros estudiosos também apresentam demais proveitos do uso de vídeos para o ensino-aprendizagem de língua estrangeira, como Stempleski (1987), que define esse recurso autêntico como um material rico e empolgante. Para ela, “esse material é intrinsecamente motivador para os alunos, apresenta linguagem real, fornece um olhar autêntico para a cultura, auxilia a compreensão e possibilita aos estudantes prática para lidar com um meio”.²(STEMPLESKI, 1987, p. 01). A autora esclarece que é “no sentido de ser atual, isso é, faz uso de expressões idiomáticas e expressões comuns em ambientes contemporâneos de língua inglesa”³ que os vídeos trabalham com linguagem autêntica (STEMPLESKI, 1987, p. 04). Portanto, a utilização de vídeos autênticos insere uma visão mais ampla, prática e concreta de mundo.

Para Stempleski (1987), “ao escolher um material autêntico, o professor deve analisar cuidadosamente sua linguagem, conteúdo e produção⁴”, ou seja, o professor necessita adequar os vídeos de acordo com a realidade da turma, nível, contexto e não apenas inserir vídeos nas aulas, almejando motivar os alunos com tendências tecnológicas. Sobre o uso de tecnologias sem planejamento prévio, Goli (2016, p. 40) comenta que “Usar novas tecnologias simplesmente porque elas estão disponíveis a um custo mais barato não é uma boa lógica. Determinar se e quando

²This material is intrinsically motivating to students, presents real language, provides an authentic look at the culture, aids comprehension, and gives student practice in dealing with a medium.

³[...]in the sense of being current, that is, it makes use of idioms and expressions common in contemporary English-speaking environments.

⁴choosing authentic material, the teacher should look carefully at its language, content, and production.

usar vídeos é uma consideração. Os professores devem estar cientes do impacto e dos princípios do processo de aprendizado ao usar os vídeos em sala de aula”.⁵

Apesar do grande avanço tecnológico e da crescente acessibilidade dos alunos às tecnologias digitais, os professores devem estar cientes do uso de vídeos em suas aulas, para que não os insiram sem propósito e planejamento. Os vídeos podem se apresentar como ferramentas de ensino-aprendizagem autênticas que podem ser utilizadas concomitantemente com os conteúdos e atividades pré-estabelecidos pela escola. Para Talaván (2007, p. 08), “[...] o vídeo autêntico não está lá para sobrecarregar os alunos com linguagem desconhecida (como os críticos do uso de insumo autêntico poderiam reivindicar); [...] a visualização é controlada e diretamente endereçada às metas do professor para uma lição específica”.⁶

Portanto, o professor precisa possuir um planejamento das aulas com objetivos claros que justifiquem o uso de vídeos para que possa, por exemplo, instigar o aluno a querer aprender mais a língua-alvo e a conhecer diferentes culturas, não apenas abarrotando-o com vocabulário e regras gramaticais.

2.2 Língua como prática social

Devido a fatores como o avanço do desenvolvimento das tecnologias digitais e o fenômeno da globalização, as maneiras de adquirir conhecimento mudaram. Isso pode ser notado em diversas pesquisas que estudam o impacto desses fatores na sociedade e educação, especificamente. (DIAS, 2015; KUMARAVADIVELU, 2006; ASSIS-PETERSON; COX, 2007; MOITA LOPES, 2006; GIMENEZ, 2011, dentre outros).

Ainda sobre o fenômeno da globalização e avanço das tecnologias, nota-se também as transformações nas formas de “pensar e articular conhecimentos”, como Dias (2015) ressalta,

[...] não basta ao indivíduo ser letrado para apenas ler e escrever, mas precisa, além disso, de desenvolver letramento multimodal para os textos que incorporam uma nova identidade pelas múltiplas representações de significado em sua composição na página impressa ou na tela do computador para a compreensão oral e escrita. (DIAS, 2012B; COPE; KALANTZIS, 2009; ROWSELL; WALSH, 2011 apud DIAS, 2015, p. 306).

⁵Using new technologies simply because they are available at a cheaper cost is not a good rationale. In determining whether and when to use videos is a consideration. Teachers should be aware of the impact and the principles of learning process while using the videos in their classroom.

⁶[...]authentic video is not there to overload learners with unknown language (as the detractors of the use of authentic input could claim); thanks to a series of ad-hoc activities that surround a previously selected clip from beginning to end, the viewing is controlled and directly addressed to the teacher’s goals for a particular lesson.

As formas de ensinar e aprender se alteram concomitantemente com as transformações da própria sociedade e, conseqüentemente, a demanda de novos conhecimentos aumenta da mesma forma. O conceito de multiletramentos e multimodalidade demonstra essa consciência de que não basta apenas decodificar a língua, aprender a ler e escrever; devemos desenvolver habilidades de criticidade e entendimento de sentidos variados e dependentes de seus contextos de produção.

Além de ressaltar a importância dos conceitos de multiletramentos e multimodalidade, é essencial destacar a perspectiva da língua como prática social. Bastolla e Souza (2018) apontam a “extrema relevância a compreensão da linguagem como prática social, por meio da qual promovemos mudanças sociais e, portanto, a linguagem configura-se como mediadora entre espaço educacional e a sociedade.” Assim, também entendo a pertinência desta pesquisa com essa visão de língua, pois concordo com Moita Lopes (2006, p. 31), o qual salienta a necessidade de uma Linguística Aplicada (LA) “que explode a relação entre teoria e prática, porque é inadequado construir teorias sem considerar as vozes daqueles que vivem as práticas sociais que queremos estudar; mesmo porque no mundo de contingências e de mudanças velozes em que vivemos a prática está adiante da teoria”. Ainda, segundo Moita Lopes (2006, p. 102), o objetivo da LA é a “problematização da vida social, na intenção de compreender as práticas sociais nas quais a linguagem tem papel crucial”.

Isso posto, a pesquisa obteve o alvo de trabalhar a língua inglesa entendendo-a como prática social, ou seja, como apontam Bastolla e Souza (2018, p. 01),

A linguagem como prática social denota um processo de interação que operacionaliza a vida social, porque a multiplicidade de práticas discursivas leva às mudanças sociais quando se utiliza recursos linguísticos empregados pelos atores e/ou grupos sociais no ato da interação dialógica, a partir de reflexões sobre determinada temática ou ações.

Dessa forma, a língua/linguagem está presente a todo tempo em nossas interações com o mundo e é com ela que nós exercemos nosso papel na sociedade, ou melhor, nossos papéis em diferentes contextos em que convivemos. É também com a língua/linguagem que refletimos e agimos para modificar questões pertinentes de acordo com nossa realidade.

Rocha (2014, p. 09) salienta que, “como qualquer prática social, a ação educativa, de forma complexa, envolve valores sociocultural, política, econômica e historicamente orientados”. A autora defende a ideia de “se educar para a cidadania, para a pluralidade e para

a democracia”. Sendo assim, a perspectiva sobre a língua como prática social e sistema complexo se relacionam no entendimento da dinamicidade e influência tanto da língua para a sociedade quanto da sociedade para a língua.

2.3 Ensino da oralidade em inglês

O ensino de inglês na escola pública tem um discurso de ineficácia bastante enraizado, ainda mais no que se refere ao ensino de compreensão oral. Entretanto, a partir de uma visão de língua como prática social, compreendemos que é necessário trabalhar a língua como um todo. Dessa maneira, entendo a importância do ensino da oralidade tal como Jesus (2010, p. 03) salienta: “trabalhar a oralidade da língua inglesa pode ajudar os nossos alunos a consolidar a capacidade de transmissão e a assimilação do idioma no mundo em que vive. Sendo capaz de manifestar uma visão crítica, integrando-se à sociedade de uma forma significativa”. De modo consequente, essa concepção da importância de trabalhar a língua oral vai além de buscar a pronúncia ideal, constantemente relacionada com a do falante nativo, a partir de repetições automáticas sem um pensamento crítico e temas que realmente estão presentes na vida do aluno. A oralidade, como ressalta Jesus (2010), deve ser incorporada à aprendizagem do aluno de forma significativa e que o aluno consiga expressar suas percepções do mundo e dos textos com criticidade e com base em suas experiências. Tsutiya (2013) também aponta que,

Através do ensino e ênfase na oralidade, torna-se possível a aproximação dos sujeitos com a realidade, possibilitando-lhe que o processo de aprendizagem seja fundamental e lhe encorajar a disponibilidade para correr riscos, superar a ansiedade e a inibição, motivando-o de forma que o ato de aprender lhe proporcione a oportunidade de refletir sobre seu progresso e lhe encoraje a autonomia.

Sendo assim, Jesus (2010) e Tsutiya (2013) apresentam uma visão de um ensino da língua que não se baseia apenas em conteúdos sistêmicos de regras e memorização de léxico. A essência do ensino está alicerçada na realidade dos aprendizes, a partir de conteúdos que estão presentes na vida dos alunos e que, dessa forma, eles possam refletir sobre os temas com criticidade, expressando-se pela língua alvo.

Além da importância de trabalhar a oralidade, nota-se também que há uma grande motivação dos aprendizes em aprender a falar na língua alvo, literalmente. Há vários estudos sobre a relevância da oralidade em Língua Inglesa para os aprendizes, isso é, manifestam uma

enorme vontade de entender e falar a língua estudada. Isso significa que o imaginário de “saber uma língua” está em saber falar essa língua. O estudo de Faria (2014) cita Brown e Ur sobre a relação de aquisição de língua associada primordialmente às habilidades orais:

[...] quem sabe uma língua é chamado de falante desta, como se as habilidades orais fala e compreensão auditiva englobassem todas as outras. Outro ponto levantado pela autora é que a maioria dos estudantes de línguas (senão todos eles) está mais interessada em falar a língua do que possuir as habilidades de lê-la, escrevê-la e compreendê-la. (Ur *apud* FARIA, 2014)

Oliveira Paiva (2007) analisou diversas narrativas de aprendizes e professores em formação, em relação à habilidade oral em inglês, e constatou que a intenção dos narradores da pesquisa era realmente de falar a língua e em nenhum momento saber a língua era relacionado a ler ou escrever no idioma. Além disso, múltiplas narrativas apresentaram “um forte desejo pelo desenvolvimento das habilidades orais e uma grande frustração pelo não alcance desse objetivo” (p. 14) e também como as experiências desse desenvolvimento ocorreram a partir de filmes e músicas. A partir das análises das narrativas, Oliveira Paiva(2007) acentua que

Há um desejo enorme pelo desenvolvimento das habilidades orais e, em contextos como o brasileiro, onde o contato com o idioma é, essencialmente, mediado pela comunicação de massa, parece importante repensar o uso desses recursos e torná-los mais presentes no processo de aprendizagem de nossos alunos.

Sendo assim, trabalhar a oralidade com vídeos de músicas, filmes, séries e comerciais (principalmente de produtos que já fazem parte do cotidiano dos alunos), além de proporcionar contato com uma diversidade maior de vocábulos, sotaques e culturas, pode promover motivação nos alunos em compreender e expressar suas reflexões sobre os vídeos a partir da língua alvo.

3 Metodologia

A pesquisa aprovada, previamente, pelo comitê de ética (ANEXO I) – a qual possui o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 76923617.0.0000.5152 – foi desenvolvida em uma escola municipal de ensino regular na cidade de Uberlândia (MG), com alunos do 9º ano do ensino fundamental. A escola alvo é localizada no setor periférico da cidade e oferece ensino fundamental do 1º ao 9º ano. O número total de aulas foi de duas

aulas por semana, respeitando a carga horária municipal, durante seis meses. O projeto desenvolvido foi realizado em um laboratório de informática, o qual possuía computadores para os alunos utilizarem, como também *datashow*, caixas de som e um técnico de laboratório para auxiliar os professores. Entretanto, após a coleta de dados desta pesquisa, o laboratório foi desativado. Os participantes da pesquisa foram alunos de duas salas distintas do mesmo ano, adolescentes com faixa etária entre 13 e 16 anos, que tiveram aulas de Língua Estrangeira, no caso a Língua Inglesa, desde o 6º ano. A escolha das salas ocorreu devido ao contraste entre elas, ou seja, são bastante diferentes em relação a disciplina, notas e comprometimento dos alunos com as atividades. Os instrumentos utilizados na coleta de dados foram:

- questionário;
- propostas de atividades com a utilização de vídeos e resultados da produção dos alunos;
- entrevistas semiestruturadas com alunos;
- diários reflexivos da professora pesquisadora.

4 Resultados

A presente pesquisa teve como objetivo principal investigar o impacto de uma proposta pedagógica baseada em vídeos no ensino e aprendizagem da oralidade em língua inglesa. Além disso, como objetivos específicos, a pesquisa propôs a analisar as visões dos alunos quanto ao ensino de inglês na escola pública, identificar a importância da habilidade oral em língua inglesa para os alunos e verificar os reflexos do uso de vídeos no processo de ensino e aprendizagem da oralidade em inglês.

Percebeu-se que os alunos possuem percepções enraizadas sobre o ensino e aprendizagem da língua inglesa, ou seja, tentam encontrar um responsável para o fracasso de aprender a língua. Pude depreender dos comentários dos alunos nas entrevistas que eles compreendem sua responsabilidade e autonomia para o aprendizado da língua. Muitos relataram que para o ensino e aprendizagem ocorrer de fato, o aluno deve buscar aprender por outros meios e realmente querer aprender, ou seja, possuir a vontade de aprender e buscar realizar este objetivo.

Outro discurso bastante recorrente nos dados está relacionado ao enaltecimento da escola de idiomas. Muitos alunos acreditam que o lugar onde ocorre efetivamente a aprendizagem de inglês não é na escola pública e sim em cursos de idiomas pagos, replicando o que é veiculado por muitas propagandas dessas escolas. Ademais, como podemos perceber em diversas propagandas de escolas de idiomas no Brasil, a fala é a habilidade mais requisitada e é por meio dela que o aluno demonstra o quanto sabe de uma língua estrangeira. Sendo assim, muitos alunos possuem o desejo de falar inglês.

Enfim, logo após a aplicação da sequência didática e da entrevista com os alunos, analisei as contribuições da proposta pedagógica baseada em vídeos para o ensino e aprendizagem de inglês no contexto escolar público. Primeiramente, foi atingido, satisfatoriamente, o objetivo fundamental, o qual se constituía de desenvolver a oralidade em Língua Inglesa. Tanto nos diários reflexivos quanto na entrevista com os alunos foi constatado uma evolução na aprendizagem da habilidade. Os alunos destacaram, primordialmente, as contribuições da proposta pedagógica para o desenvolvimento da oralidade, tanto no que diz respeito à compreensão auditiva, quanto à produção oral. Os alunos citaram diversas vezes a melhora na “pronúncia”, no “ouvir” e na “fala”, como pode ser observados nos excertos a seguir:

Ted: A habilidade que eu **mais aprendi** foi **fala**.

Phoebe: É porque aquela coisa né, Inglês nos vê o jeito que escreve né, em Português nos fala um tanto de trem a gente lê daquele jeito né, melhorou bastante que nós começou a perceber as palavras a **pronúncia** delas é.

Scooter: Entendi a **falar** mais pelos vídeos, né que você passou, pelas **pronúncias** dos personagens, dos vídeos.

Mônica: Eu acho que **ler melhorou muito** por causa que antes não sabia ler nada em inglês, o **ouvido** eu acho que tá a mesma coisa, por causa que eu não muito boa pra pegar palavras em inglês com o ouvido, e acho que piorou... Acho que nada.

Ross: Eu acho que o que desenvolveu mais foi o **falar**... Não! **O escrever**... Não... O mais ou menos foi o **falar** e que puxou foi **ouvir**. O **escrever** foi mais fácil que você vai pegando as regras.

Além do objetivo geral, a partir da análise de dados, foi identificada certa motivação por parte dos alunos em participar das atividades em virtude de fatores como o uso da tecnologia, do laboratório de informática da escola, e os vídeos que fazem parte do cotidiano dos estudantes, como séries e filmes, como observa-se nos trechos da entrevista abaixo:

Emilly: [...] a gente não tem muito contato com a informática. Eu acho, melhorou muito com os vídeos [...] e não ficar muito **preso na sala de aula**, só com **conteúdo no quadro**.

Phoebe: A aula de Inglês desse ano pra mim foi **boa**, foi melhor do que os outros anos. Acho que foi mais **investimento**, teve mais investimento nessa área. No Inglês mesmo, porque assim, inglês era mais na **teoria**, era só **papel** aquela coisa, não trabalhava muito a **pronúncia**.

Mônica: É **melhor** que lá na **sala**. Você tem **mais interação**, você **participa mais** da aula, você tem **mais exemplos** de como aprender [...] Ah, o **mais divertido** foi vir aqui né, e a gente ficar falando sobre as músicas e todos aqueles negócios.

Amanda: Foi **menos entediante** do que ficar só na sala, foi uma coisa **diferente** que dá pra você entender.

Esse resultado corrobora com Stempleski (1987), a qual elenca as razões de utilizar o recurso de vídeos autênticos nas aulas de inglês, uma vez que esses podem motivar os alunos e professores, apresentam o uso real da língua-alvo, proporcionam um olhar autêntico para questões culturais, ajudam na compreensão e fornecem aos alunos prática para lidar com o meio. Entretanto, por si só, nem o uso de tecnologias digitais nem o uso dos vídeos são suficientes para obter o engajamento dos alunos nas aulas de inglês. Não basta apenas introduzir o uso de vídeos nas aulas de inglês mantendo uma visão de língua tradicional que ocorre regularmente nas aulas de línguas. Ademais, os alunos demonstraram interesse não somente pelo recurso utilizado, mas pelo fato dos vídeos estarem presentes em seu cotidiano

e, conseqüentemente, com conteúdo que desejam discutir. Por exemplo, os alunos sugeriram séries e filmes para abordar outros temas que gostariam de debater nas aulas:

Rachel: Acho que pela legenda, **pelo tema também**. Pelos dois juntos. [...] os temas foram **bastante interessantes**.

Chandler: Às vezes era difícil. **Dependia do tema**, do que tava passando.

Mona: Os outros foram mais fáceis de entender porque tipo, tinha **mais contato com aquela parte da matéria**. É que... Ah... Não sei explicar, **vê mais povo conversando sobre isso**. Acho que não sei. Eu gostei muito daquele trabalho que usou muito pra falar da receita que a escola compartilhou.

Jill: O último que você mostrou que era os de **contos de fadas**, tinha o da Cinderela e... do outro. Consegui aprender porque o mundo de hoje não é igual o de antes, tipo a história do conto de fadas e o de hoje **é bem diferente**.

Ou seja, puderam refletir sobre a relevância de tratar de temas significativos para eles ao invés de quererem o ensino de uma língua restrito simplesmente a gramática e vocabulário. Além disso, os alunos não realizaram atividades engessadas, mas puderam criar histórias que fizessem sentido para eles, como, a recriação das histórias de contos de fadas nos dias atuais. Os alunos puderam apresentar seu ponto de vista sobre as histórias e criar uma narrativa que fosse ao encontro de suas respectivas realidades. Como exemplo, o trabalho final referente à segunda sequência didática consistiu em escrever uma história de contos de fadas nos tempos modernos, e os alunos poderiam fazer ou não referência aos clássicos. A história seria, então, apresentada oralmente e gravada em vídeo. Os alunos poderiam encenar suas histórias ou apenas narrar os textos produzidos. Em ambas as propostas, os alunos tiveram a oportunidade de praticar a oralidade em língua inglesa. Além disso, eles tiveram a chance de usar a criatividade para produzir suas histórias e trabalhar colaborativamente.

Como não havia tempo hábil para realizar as gravações contando com meu auxílio na escola, os alunos tiveram autonomia para pesquisar de que maneira gravar, editar e converter arquivos, e demais demandas que a tecnologia exige. Sendo assim, além do desenvolvimento

da oralidade em inglês, pode ser observado um trabalho colaborativo e o uso mais aprimorado das tecnologias.

Contudo, a maior contribuição desta pesquisa foi referente a seu impacto social. Vale dizer que a análise do desenvolvimento oral não pretendeu se basear em métodos quantitativos para avaliar aspectos relativos à pronúncia, fluência e acuidade dos alunos na língua inglesa e se esses melhoraram ou não com as atividades por mim propostas. Foi preciso lançar um outro olhar sobre os dados coletados, utilizando como critérios de análise o engajamento dos aprendizes nas atividades orais propostas e suas percepções quanto às tentativas em produzir sentidos na língua estrangeira oralmente. Os alunos realizaram atividades de compreensão oral com temas voltados para sua realidade e puderam se expressar oralmente de forma não mecanizada. Nas produções em vídeo, em especial, os estudantes tiveram a oportunidade de desenvolver práticas não só orais, como também escritas, uma vez que eles organizaram o *script* dos vídeos que iriam gravar. Abaixo, dispomos um trecho do vídeo de um grupo participante, o qual elaborou uma história relacionada com um conto de fadas (A branca de neve), entretanto, trouxeram assuntos atuais e relevantes para serem discutidos a partir de seus pontos de vista.

Quadro 1 – Trecho de um vídeo elaborado pelos alunos participantes da pesquisa.

Trechos do Vídeo
<p>Since she was little, Snow Black deals with evil look because of her skin and hair color. When she grew up decided to live in the city to try a fresh start.</p> <p>[...]</p> <p>Evil owner of the factory: Omg! What kind of hair is this? I can only help you with this cr*p if you buy my products.</p> <p>Snow Black: Oh, no. Thanks! I don't wanna try your products, just a job in the factory.</p>

Fonte: elaborado pelo autor.

Além das habilidades na língua-alvo, esse trabalho demandou dos alunos utilizarem sua criatividade para criar uma história autoral em língua inglesa e se expressarem, assim, na língua alvo de forma significativa.

5 Considerações finais

A pesquisa tinha o intuito de analisar o impacto do uso de vídeos no ensino e aprendizagem da oralidade em inglês, mas a análise ampliou o leque de percepções dos resultados. Sem embargo, houve algumas limitações na presente pesquisa. Os recursos tecnológicos como o *datashow*, a internet, e até mesmo o laboratório de informática não estavam sempre disponíveis durante a aplicação das sequências didáticas, dessa forma, algumas atividades foram adaptadas. Além disso, as sequências didáticas foram elaboradas com o intuito de incluir os alunos do atendimento especial que foram participantes da pesquisa, porém, como esses alunos tinham deficiência cognitiva, as adaptações foram para esse foco e não houve adequações para outras deficiências. Ademais, acredito que pode-se refletir sobre os resultados da aplicação da proposta didática baseada em vídeos em relação ao ensino e aprendizagem da oralidade em inglês, contudo, seria extremamente interessante um projeto que aplicasse propostas dessa natureza desde o 6º ano do ensino fundamental na escola pública para analisar o desenvolvimento a longo prazo.

Nada obstante, os dados da pesquisa conduziram a resultados apropriados. Certamente, o ensino e aprendizagem da oralidade foi notável, entretanto, o impacto mais expressivo foi a visão de língua trabalhada e o desenvolvimento de criticidade e autonomia dos alunos. Com a proposta, foi possível fugir de um trabalho com foco em gramática e vocabulário que já é até esperado quando se pensa o ensino de inglês na escola pública. Os alunos puderam refletir sobre o papel do ensino e aprendizagem do inglês na escola pública e experienciaram e visualizaram a possibilidade de aprender a língua em vários aspectos, além do gramatical, de forma crítica nesse contexto.

Espero, assim, que os resultados desta pesquisa possam auxiliar professores de várias áreas a refletirem sobre suas práticas pedagógicas e, especialmente, os professores de língua estrangeira. Desejo que esta pesquisa inspire os professores a repensarem seu papel de forma a oferecerem uma educação de qualidade e significativa aos alunos, além de motivá-los a se empenharem para desconstruir os preconceitos e discursos enraizados sobre a escola pública.

Referências Bibliográficas

ASSIS-PETERSON, A. A. de; COX, M. I. P. Inglês em tempos de globalização: para além de bem e mal. *CALIDOSCÓPIO*, v. 5, n. 1, p. 5-14, 2007.

BARCELOS, A. M. F. Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores. Campinas: Pontes, p. 15-41, 2006.

BARCELOS, A. M. F. Lugares (im)possíveis de se aprender inglês no Brasil: crenças sobre aprendizagem de inglês em uma narrativa. In: LIMA, D. C. de (org.). Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BASTOLLA, F. F.; SOUZA, A. E. de. A importância da linguagem como uma prática social na formação docente em nível médio. In: SEMINÁRIO INTERINSTITUCIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 22, 2018. Anais [...]. Cruz Alta, 2018. Disponível em: https://www.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais-2017/XXII%20SEMIN%C3%81RIO%20INTERINSTITUCIONAL%202017%20-%20ANAIS/P%C3%93S-GRADUA%C3%87%C3%83O%20-%20RESUMO%20EXPANDIDO_Ci%C3%A4ncias%20Sociais%20e%20Humanidades/A%20IMPORT%C3%82NCIA%20DA%20LINGUAGEM%20COMO%20UMA%20PR%C3%81TICA%20SOCIAL%20NA%20FORMA%C3%87.pdf. Acesso em: 14 mar. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DIAS, R. Multimodalidade e multiletramento: novas identidades para os textos, novas formas de ensinar inglês. In: ARAÚJO, Júlio; SILVA, Kleber Aparecido da (orgs.). Letramentos, Discursos Midiáticos e Identidades: Novas perspectivas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

FARIA, H. de O. A compreensão e a produção oral em língua inglesa no meio virtual sob a visão dos multiletramentos. MOINHOS REVISTA DE LETRAS, v.4, n. 4, p 1-19, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/moinhos/article/view/2477>. Acesso em: 25 set. 2019.

GIMENEZ, T. et. al. Narrativa 14: permanências e rupturas no ensino de inglês em contexto brasileiro. In: LIMA, Diógenes Cândido de. Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão múltiplos olhares. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

GOLI, B. R. The Use of Videos in EFL Classroom: a Revolution. INTERNATIONAL JOURNAL OF LINGUISTICS AND LITERATURE, v. 5, n. 1, p. 39-46, 2016.

JESUS, A. P. A. de. Oralidade da Língua Inglesa nas escolas públicas: 2ª fase do ensino fundamental. 2010.

KALANTZIS, M.; COPE, B. Literacies. Australia: Cambridge University Press, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139196581>.

KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo. Por uma lingüística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola, p. 129-148, 2006.

LEFFA, V. J. Criação de bodes, carnavalização e cumplicidade. Considerações sobre o fracasso da LE na escola pública. In: LIMA, Diógenes Cândido de (org.). Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares. São Paulo: Parábola Editorial, p. 15-31, 2011.

MOITA LOPES, L. P. (org.). Por uma lingüística aplicada indisciplinar. Parábola, 2006.

MONTE MÓR, W.. Convergência e diversidade no ensino de línguas: expandindo visões sobre a “diferença”. POLIFONIA, v. 21, n. 29, 2015.

OLIVEIRA PAIVA, V. L. M. de. A www e o ensino de Inglês. REVISTA BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA APLICADA, v. 1, n. 1. p.93-116, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v1n1/06.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2016. DOI:<https://doi.org/10.1590/S1984-63982001000100006>.

OLIVEIRA PAIVA, V. L. M. de. O. As habilidades orais nas narrativas de aprendizagem. TRABALHOS EM LINGÜÍSTICA APLICADA, v. 46, n. 2, p. 165-179, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-18132007000200003>.

OLIVEIRA PAIVA, V. L. M. de. Digital tools for the development of oral skills in English. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 34, n. 4, p. 1319-1351, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-445008554706004546>.

ROCHA, C. H. Formação cidadã, tecnologia e ensino de línguas na perspectiva do letramento crítico. In: COLÓQUIO NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, 12, 2014. Mato Grosso. Anais [...]. Sinop, 2014.

STEMPLESKI, S. Short Takes: Using Authentic Video in the English Class. 1987.

TALAVÁN, N. Learning vocabulary through authentic video and subtitles. TESOL-SPAIN NEWSLETTER, v. 31, p. 5-8, 2007.

TSUTIYA, A. M. A oralidade nas aulas de língua inglesa. Produção didático-pedagógica. Paranaguá - PR: Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras e Paranaguá (FAFIPAR) Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), 2013.

UR, P. A course in language teaching: practice and theory. Nova York: Cambridge University Press, 1996.

Artigo recebido em: 23.02.2022 Artigo aprovado em: 24.05.2022 Artigo publicado em: 02.06.2022

ANEXO I



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O USO DE SÉRIES NO DESENVOLVIMENTO DA HABILIDADE ORAL EM LÍNGUA INGLESA NA ESCOLA

Pesquisador: Fernanda Costa Ribas

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 76923617.0.0000.5152

Instituição Proponente: Universidade Federal de Uberlândia/ UFU/ MG

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.393.171

Apresentação do Projeto:

De acordo com o protocolo:

A pesquisa busca relatar como a oralidade da Língua Inglesa é trabalhada na escola e aplicar as atividades abordando séries (seriados televisivos) e investigar qual o impacto destas atividades no desenvolvimento da habilidade oral dos alunos participantes. A pesquisa (pesquisa-ação), de caráter qualitativo, será desenvolvida com 60 alunos de duas turmas de língua inglesa do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Uberlândia. Os alunos responderão a um questionário preliminar, serão submetidos a atividades abordando séries nas aulas de inglês com a mediação da professora pesquisadora (mestranda). Ao final das atividades propostas será realizada uma entrevista com os alunos participantes.

Objetivo da Pesquisa:

Segundo o projeto:

Objetivo Primário: Investigar o impacto de atividades baseadas em séries no desenvolvimento da habilidade oral em língua inglesa de alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Uberlândia/MG.

Não há no protocolo a apresentação de objetivos secundários ou específicos.

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
 Bairro: Santa Mônica CEP: 38.408-144
 UF: MG Município: UBERLÂNDIA
 Telefone: (34)3239-4131 Fax: (34)3239-4335 E-mail: cep@propp.ufu.br